

O Passado em cena: narrativas e fragmentos

COORDENAÇÃO:

Maria Conceição Lopes

Raquel Vilaça

Coimbra • Porto • 2004

FICHA TÉCNICA

Título O Passado em cena: narrativas e fragmentos

Coordenação Maria Conceição Lopes • Raquel Vilaça

Edição e Propriedade Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto (CEAUCP) • Fundação para a Ciência e a Tecnologia • Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra • Rua de Sub-Ripas 3000 - 395 Coimbra • Email: ceaucp@ci.uc.pt

Design gráfico José Luis Madeira

Composição e impressão G.C. - Gráfica de Coimbra, Ld.ª

Tiragem 500 exemplares

ISBN 972-9004-19-6

Depósito legal 221476/05

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor

Coimbra • Porto • 2004

Uma tumulação do final do Bronze Final/inícios da Idade do Ferro no sul de Portugal: a *tholos* do Cerro do Malhanito (Alcoutim)

JOÃO LUÍS CARDOSO

Universidade Aberta

Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (C. M. Oeiras)

1. Introdução. Localização, enquadramento geográfico e arquitectura do monumento; trabalhos realizados na região

A *tholos* do Cerro do Malhanito, perto do lugar do Monte da Estrada (freguesia de Martinlongo, concelho de Alcoutim), foi localizada pela Dr^a. Alexandra Gradim, arqueóloga da Câmara Municipal de Alcoutim, no decurso do acompanhamento dos projectos de florestação concelhios, encontrando-se registada no respectivo relatório, enviado ao Instituto Português de Arqueologia em 1999. Dado o interesse do monumento e as ameaças que sobre ele existiam, foi decidida tomar a sua escavação como prioritária, a qual se veio a verificar em Agosto e Setembro de 2002, sob a direcção do signatário. Decorrente dos trabalhos realizados, encontra-se em curso de publicação comunicação apresentada ao II Encontro de Arqueologia do Algarve, realizado em Silves em 2003 sobre a arquitectura do monumento (Cardoso & Gradim, no prelo). Sendo os materiais ora publicados até ao presente inéditos, cumpre, em primeiro lugar, agradecer a Alexandra Gradim o seu imediato acordo na sua divulgação, antecedendo trabalho de co-autoria sobre o conjunto dos materiais exumados, ainda em preparação.

As coordenadas geográficas do monumento são as seguintes: 37° 23' 21'' lat. N; 7° 51' 49'' long. W de Greenwich.

Do ponto de vista geomorfológico, implanta-se em pequeno cabeço isolado, o qual, por sua vez, ocupa a parte central de um estreito istmo, limitado de ambos

os lados por dois apertados e profundos meandros da ribeira da Foupana (Fig. 1). A paisagem envolvente é caracterizada pelo relevo movimentado, ainda que monótono, dos cerros do Carbonífero, como que formando ondas de um mar de xisto, na visão sugestiva de Orlando Ribeiro: "Há dois Algarves: o povo só conhece por esse nome a orla do maciço antigo: o resto é serra, um mar de cerros de xisto que sobe a mais de 500 m" (Ribeiro, 1986, p. 16).

Encontrando-se em curso de publicação a descrição detalhada da arquitectura do monumento, far-se-á agora apenas resumida caracterização, bem como de outros trabalhos realizados.

O monumento possui corredor curto, cujo chão primitivo se apresenta forrado de lajes, antecedido de um átrio, mal conservado (Fig. 2 e 4). Contudo, foram apenas estes os dois sectores do monumento que não sofreram assinaláveis perturbações e remeximentos ulteriores. A câmara, que se sucede ao corredor, encontra-se separada deste por uma selagem ainda intacta (Fig. 2); está muito bem conservada (Fig. 3 e 4), e apresenta-se definida por um belo conjunto de ortóstatos de grauaque colocados verticalmente que formam depressão previamente escavada na rocha viva (Fig. 5). Foi este o sector do monumento que evidenciou sucessivas reocupações, a primeira das quais ainda em tempos pré-históricos. É tal realidade que será tratada neste estudo.

O concelho de Alcoutim, por ser um dos maiores do Algarve e corresponder a região pouco povoada e fora das principais linha de comunicação, manteve-se (e mantém-se, ainda) com boa parte do seu património arqueológico ainda mal conhecido, pese embora os trabalhos pioneiros de Estácio da Veiga e, em época mais recente, de Caetano Beirão, de Victor S. Gonçalves e de Helena Catarino. Em resultado desses contributos, a que se somaram os decorrentes de trabalhos de acompanhamento das acções de florestação, metodicamente conduzidos no terreno por Alexandra Gradim, foram identificadas, no que a este estudo diz particularmente respeito, diversas necrópoles de cistas da Idade do Bronze, as quais enquadram e completam, do ponto de vista arqueológico, o objecto do presente trabalho. Algumas dessas necrópoles foram já exploradas, sob direcção do signatário, em colaboração com a referida arqueóloga; neste âmbito, merecem destaque os trabalhos efectuados na necrópole de cistas de Cabeço da Vaca I e na grande sepultura cistóide de Cabeço da Vaca II (freguesia de Giões), de que resultou a demonstração da pervivência do rito da inumação no decurso da Idade do Ferro no Alto Algarve Oriental, preenchendo-se, deste modo, a lacuna geográfica existente entre a região do barrocal algarvio e a do Baixo Alentejo, nas quais aquela prática funerária se encontra bem documentada.

2. A reutilização da câmara do monumento

A escavação da câmara do monumento evidenciou um profundo remeximento do respectivo enchimento, no qual avultavam inúmeros elementos de grauvaque; considerados, a princípio, como resultantes do abatimento da falsa cúpula, tais elementos, de dimensões médias, ocorriam embalados em matriz terrosa, na qual apareceram, na sua parte mais alta, os únicos elementos pré-históricos do espólio, em reduzido número. À medida que se aprofundava a escavação da câmara, recolheram-se, em número crescente, fragmentos cerâmicos de pequenas dimensões, cuja posição foi registada, os quais, na larga maioria, pertenciam a recipientes de fina execução, que não se afiguravam calcolíticos.

Enfim, separados do afloramento rochoso, bem regularizado, que constituía o embasamento primitivo do monumento, por fina camada argilosa compacta, com alguns elementos de xisto e grauvaque, a qual constituía o chão primitivo, de barro amassado e calcado, da câmara megalítica, encontraram-se alguns ossos longos humanos, correspondentes provavelmente a apenas uma tumulação (Fig. 6).

Infelizmente, tais restos – cuja posição no interior da câmara se assinala na Fig. 4, correspondendo à única parte dela que não sofreu ulteriores remeximentos – não permitiram datação, por falta de colagéneo. Associadas, encontraram-se duas contas, uma de barro avermelhado, de textura muito fina e compacta, com uma perfuração cilíndrica feita antes da cozedura (Fig. 7, n.º 1), outra, aproveitando pequeno seixo achatado de grauvaque cinzento, com os topos regularizados por polimento, possuindo perfuração natural.

A primeira conta, pelas características tipológicas e, sobretudo, pela qualidade da pasta, não encontra paralelos no Calcolítico. A segunda (Fig. 7, n.º 2) poderá ser comparada a exemplar recolhido no monumento megalítico n.º 3 do Lousal (monumento com câmara e galeria, talvez de falsa cúpula), exposto no Museu do ex-Instituto Geológico e Mineiro. É curioso que, tratando-se de exemplar peculiar, apenas tenha merecido breve referência: foi considerado como pendeloque e o furo atribuído, correctamente, a causas naturais (Ferreira & Cavaco, 1955/1957, p. 198). Uma conta elipsoidal de cornalina, com perfuração cilíndrica, não consta da listagem das peças exumadas em qualquer dos monumentos funerários do Lousal. Esta peça, conjuntamente com uma taça de carena alta e brunida recolhida no grande dólmen n.º 1 (Ferreira & Cavaco, 1952, Fig. 5), fazem crer numa reutilização, no decurso do Bronze Final, deste monumento.

Durante a escavação, recolheram-se, tanto na parte superior como inferior do enchimento, três objectos de cobre ou bronze, ainda não analisados, cuja posição também denunciava evidentes remeximentos da câmara; tal como os anteriores, a sua tipologia contrariava a hipótese de serem calcolíticos: é o caso de um fino aro de bronze ou cobre curvilíneo, fragmentado em diversas porções, proveniente da parte superior do enchimento (Fig. 7, n.º 3); de uma argola ou anel de bronze

de secção sub-circular (Fig. 7, n.º 4); e de fragmento de um alfinete, também de bronze, com cabeça em calote de esfera, do tipo "botão" (Fig. 7, n.º 5), os dois últimos provenientes da parte inferior do enchimento. Tendo presente a tipologia dos materiais encontrados e a sua distribuição estratigráfica, é possível admitir a seguinte sequência para a utilização da câmara do monumento, em tempos pré-históricos:

1 – Construção do monumento no decurso do Calcolítico e sua utilização funerária correlativa (cujos escassos vestígios apenas se conservaram, com pequenas perturbações, no corredor);

2 – Esvaziamento da câmara do monumento, que se pode admitir como total, antecedendo a deposição de, pelo menos, um corpo, sobre o chão primitivo daquela. Esta situação configura a primeira reutilização, a qual se pode associar a dois dos três elementos metálicos acima referidos (argola ou anel e alfinete), bem como aos numerosos fragmentos de finos vasos, muito esmigalhados, que se dispersavam sobretudo pela parte inferior do enchimento da câmara, tipologicamente, integráveis no Bronze Final; deposição e oferendas funerárias foram, por seu turno, de novo cobertas pelo enchimento removido da câmara, o qual continha alguns elementos da ocupação calcolítica da câmara, cuja raridade faz pressupor uma ténue utilização, também comum à maioria dos monumentos do mesmo tipo do Baixo Alentejo e do Algarve.

3 – Sucede-se nova reutilização ou frequentação da câmara, que atingiu intensamente os níveis mais profundos, esmigalhando os frágeis recipientes ali depositados no Bronze Final ou nos primórdios da Idade do Ferro. Esta etapa poderá corresponder a alguns ossos humanos encontrados na parte superior do enchimento e correlacionar-se com o fragmento do aro metálico, de possível fíbula anular hispânica (Fig. 7, n.º 3), recolhida também na parte superior do enchimento, cuja cronologia, a confirmar-se tal atribuição, não deverá ser anterior ao século VI a.C., como adiante será justificado. Pertencam ou não os fragmentos daquele fino aro de bronze ou cobre a uma fíbula anular, não se poderia ignorar, de qualquer modo, uma terceira fase da presença humana na câmara, que, como se disse, provocou o esmigalhamento de todas as frágeis peças cerâmicas ali depositadas. Tais remeximentos, conotáveis com a busca de tesouros, podem ser muito antigos, eventualmente ainda de época pré-histórica, ou já proto-histórica. A este propósito, relembre-se que tal situação tinha sido já expressamente identificada por Caetano Beirão, na larga maioria dos túmulos da I Idade do Ferro por si explorados no Baixo Alentejo (Beirão, 1986, p. 50, situação que foi ulteriormente reafirmada por Correia, 1993, p. 354).

4 – Derradeira reutilização da câmara, de novo para fins funerários, já em época histórica, efectuada na zona superficial do enchimento e apenas em sector restrito da sua periferia, conforme se conclui pelos materiais modernos recolhidos, cuja análise já não cabe no presente estudo.

3. Análise tipológica do espólio. Seu enquadramento cronológico-cultural

3.1. O espólio cerâmico

3.1.1. A conta

Como se disse, trata-se de exemplar que, tanto do ponto de vista tipológico, como de textura e coloração da pasta, desaconselha a sua inclusão no Calcolítico. Não parece, por outro lado, tratar-se de cossoiro, dado o pequeno diâmetro do furo, incompatível com aquela utilização. Terá sido, aliás, este o critério que determinou a classificação diferenciada de dois exemplares do sítio metalúrgico tartéssico de San Bartolomé de Almonte (Huelva): um, com larga perfuração, foi classificado no grupo daquelas peças (Ruiz Mata & Fernández Jurado, 1986, Lam. XIV, n.º 235); outro, com estreita perfuração cilíndrica, tal como a do presente exemplar, embora de maiores dimensões, foi incluído dentro dos objectos indeterminados. Solução parecida foi a adoptada por Caetano Beirão, ao ter separado pelo tamanho – e consequentemente pela dimensão da perfuração mediana – dois exemplares cerâmicos recolhidos à superfície no núcleo habitacional de Fernão Vaz, o maior classificado como cossoiro, o menor como conta de colar (Beirão, 1973, Fig. 9). Tomada isoladamente, não deixaria dúvidas a integração tipológica desta conta na Idade do Ferro, a que acresce a pasta muito fina e de cozedura vermelho-tijolo, contrastando com as cozeduras predominantemente reductoras das cerâmicas da Idade do Bronze.

3.1.2. Os recipientes

O número de recipientes cerâmicos é elevado, ascendendo a cerca de dez as peças reconstituíveis (Fig. 8 a 10), a que se somarão algumas outras, não apresentadas.

No grupo das formas abertas, identificaram-se taças de carena alta ou baixa, de perfil interno e externo suave, possuindo ou não mamilos perfurados verticalmente (Fig. 8, n.º 2, 3; Fig. 9, n.º 1); taças baixas, munidas igualmente de mamilos perfurados, tanto horizontalmente (Fig. 8, n.º 4) como verticalmente (Fig. 9, n.º 2). A uma grande taça baixa (carenada ou não) pertence o fragmento da

Fig. 9, n.º 3, com a particularidade da base ser ocupada por pequeno "omphalus", também presente em outros recipientes (Fig. 8, n.º 2; Fig. 10, n.º 2).

Ainda dentro das formas abertas se inscrevem os vasos de carena baixa e paredes verticais, com fundo suavemente convexo, que evocam os "copos" do calcolítico da Estremadura (Fig. 10, n.º 1 e 6). De referir que esta forma foi identificada no povoado dos inícios do Bronze Final da Tapada da Ajuda, Lisboa, correspondendo aos designados "potes de paredes subverticais (Cardoso & Silva, 2004, Fig. 33, n.º 3 a 5). Também no Bronze Pleno do Sudoeste se conhecem alguns paralelos (Schubart, 1965, Fig. 17, i, j).

Enfim, o fragmento de taça de carena média externa, de dimensões superiores às anteriores, tem, igualmente, ampla representação em contextos do Bronze Final (Fig. 10, n.º 3).

No grupo das formas fechadas, reconheceram-se potes de carena média e parede reentrante, com ou sem mamilos sobre a carena, perfurados verticalmente (Fig. 8, n.º 1; Fig. 10, n.º 5).

Na sua quase totalidade, os recipientes reproduzidos correspondem a formas comuns no Bronze Final, de excelente acabamento, colorações castanho-chocolate com zonas mais anegradas devido a variações da cozedura, superfícies lisas, fortemente brunidas e com brilho e de toque macio, com pastas finas, duras e depuradas e núcleos mais escurecidos. Nenhum se apresenta decorado, embora num caso (Fig. 10, n.º 2) se observem ténues nervuras radiais, a partir da parte central do fundo do recipiente, com "omphalus". Neste aspecto, não pode deixar de evocar as decorações plásticas (nervuras ou gomos), observadas em recipientes fechados (designados por alguns autores como "garrafas"), do Bronze do Sudoeste, como o exemplar representado por H. Schubart (1975, Fig. 33, n.º 391).

A cronologia deste conjunto marcadamente homogéneo, correspondendo a fabricos de luxo, aliás em consonância com o seu carácter funerário, será objecto de discussão a seguir apresentada.

As taças de perfil suave com "omphalus", representadas no conjunto em apreço, tal como as taças em calote, ocorrem, em fase avançada do período tartéssico do vale do Guadalquivir, tendencialmente lisas, e já não decoradas com ornatos brunidos, como anteriormente, ainda que se assinale uma degradação da qualidade das produções, contrariada pelos exemplares em estudo (Ruiz Mata, 2001, p. 109).

Tendo presente, no entanto, que formas decoradas coexistiram, naturalmente, com as suas equivalentes lisas, é de mencionar a sequência estratigráfica estudada em Huelva por M. Fernández-Miranda, na calle de Onesimo Redondo, onde se observou a distribuição de tais produções cerâmicas entre finais do século IX e os inícios do século VI a. C. (Lopez Roa, 1978, p. 151).

Nas escavações realizadas ulteriormente no Cabezo de S. Pedro, também dentro da cidade de Huelva, foi possível registar diversos cortes estrati-

graficos, os quais consubstanciam diversas fases culturais; assim, na Fase III, apenas representada no corte A.2.2, da encosta ocidental, verifica-se que "La decoración bruñida, tan característica de la Fase I, es muy escasa. Las cerámicas a torno fenicio-púnicas aparecen en un mayor porcentaje que en la fase precedente. Esta fase corresponde a la época de los enterramientos de La Joya de la misma localidad" (Ruiz Mata, Blázquez Martínez & Martín de la Cruz, 1981, p. 195). A cronologia desta fase cultural foi fixada entre 650 e 550 a.C., correspondendo à fase Huelva II, definida na encosta oriental do cabeço, a qual é equivalente da Fase III da encosta ocidental (Belén, Amo & Fernández-Miranda, 1982, p. 22). Neste lado do Cabezo de S. Pedro, no decurso do estudo dos fragmentos de cerâmicas finas manuais dali provenientes (designadas por cerâmicas alisadas, com ou sem decoração de ornatos brunidos) e oriundas sobretudo do Corte M, verificou-se que o maior número de ocorrências se concentrava no nível X, correspondente à fase cultural Huelva III, cuja cronologia abarca seguramente o século VI a.C. (Belén; Fernández-Miranda & Garrido, 1977, p. 356, 370).

Assim, a zona residencial do Cabezo de S. Pedro (Huelva II ou Fase III, respectivamente definidas na encosta oriental e ocidental), teria equivalência na necrópole de La Joya, cujos materiais sugerem utilização entre meados do século VII e a primeira metade do século VI a. C., com maior intensidade entre 625 e 600 a.C. (Belén; Amo & Fernández-Miranda, 1982, p. 27). Com efeito, da referida necrópole provêm diversos recipientes comparáveis aos exemplares em estudo: é o caso da taça de carena alta e lisa da sepultura 2 (incineração) (Garrido Roiz, 1970, Fig. 7, n.º 1); das duas taças em calote, com "omphalus" e bordo extrovertido (não observado na taça em calote do nosso conjunto, mas presente nas taças carenadas do mesmo), ambas decoradas por ornatos brunidos na face interna (Garrido Roiz, 1970, Fig. 40), oriundas da sepultura dupla de inumação e incineração n.º 9), a que se junta um belo conjunto de taças manuais com superfície brunida, lisas, em calote e fundo convexo ou parabolóide (Fig. 42, 43 e 44). A ocorrência destes recipientes finos foi atribuída pelo autor a tradições anteriores, que persistiram a par das novas produções cerâmicas de origem fenícia, encontradas na necrópole. J. P. Garrido Roiz, apresentou posteriormente, com E. M. Orta García, a publicação dos resultados das 3ª, 4ª e 5ª campanhas de escavação efectuadas na referida necrópole. Assim, na sepultura 12 (incineração), recolheram quatro recipientes produzidos com molde (apesar do estado muito fragmentário e a má conservação das superfícies, como é salientado pelos autores), alguns com vestígios de decoração, de fina manufactura: são quatro taças, das quais duas com carena, comparáveis aos exemplares em estudo (Garrido Roiz & Horta García, 1978, Fig. 14, n.º 2 e 3), a que se juntam outras taças feitas à mão em calote, de fundo por vezes aplanado, em geral mais grossas, oriundas de outras sepulturas (sepulturas 16, 17).

De referir, ainda, as cerâmicas recolhidas no sítio metalúrgico tartéssico de San Bartolomé de Almonte, perto de Huelva, cuja ocupação, distribuída por vários fundos de cabanas, com um único nível de ocupação, corresponde globalmente a um período curto, dos séculos VIII e VII a.C., distribuído por três fases, caracterizadas pela evolução tipológica das formas cerâmicas. Procurando estabelecer comparações de maior pormenor entre as cerâmicas manuais ali recolhidas – aliás suportadas pela sua quantidade e minúcia dos elementos estratigráficos disponíveis, já que cada fundo doméstico correspondia claramente a um conjunto “fechado” – verifica-se que as taças carenadas mais antigas possuem um bordo engrossado e uma carena em aresta, bem marcada na face externa (forma A. I. a), características que não se encontram no conjunto em apreço. Com efeito, as três taças carenadas agora publicadas (Fig. 8, n.º 2 e 3; Fig. 9, n.º 1) possuem carenas de perfil suave, de paredes abertas para o exterior e lábios convexos, formando pequena aba extrovertida, que raramente se observam nos conjuntos domésticos de San Bartolomé. Nos mais modernos de tais conjuntos, encontram-se presentes taças em que a carena se apresenta pouco marcada (forma A. I-II), com parte superior de perfil côncavo (forma A. II. a), correspondentes a paredes mais finas e a bordos menos engrossados (Ruiz Mata & Fernandez Jurado, 1986, p. 186), características que persistem na Fase III. Tendo presente esta evolução, das carenas angulosas para as suaves e para os perfis côncavos e rectos, é com o grupo mais moderno que as taças do Cerro do Malhanito mais se assemelham, visto não ter sido identificada qualquer taça de carena angulosa. No entanto, das largas dezenas de exemplares reproduzidos no estudo dedicado ao sítio de San Bartolomé, apenas uma taça se aproxima particularmente das características presentes no conjunto português: trata-se do exemplar n.º 519, oriundo do fundo XIV – A, da Fase intermédia (I-II) da ocupação do sítio.

Em suma: na área de Huelva, as cerâmicas finas manuais, representadas sobretudo por taças, carenadas ou não e com ou sem ornatos brunidos, sobreviveram, na Andaluzia ocidental, até ao século VI a.C. sendo no século VIII/VII a. C. que se encontram os melhores paralelos (além das referências anteriores, ver Belén, Escacena & Bozzino, 1991, p. 237), tendo mesmo atingido, ainda que de forma residual, o século V a. C. (Garrido Roiz & Orta García, 1978, p. 195, nota 133). Esta realidade não é de desprezar, dada a proximidade do local em apreço da referida região, com a qual teriam, por certo, de existir contactos, veiculados ao longo do baixo Guadiana e do litoral adjacente.

Importa, igualmente, ter presente a sequência estratigráfica encontrada em Mesa de Setefilla, Sevilha e respectivo registo arqueológico; com efeito, tanto na Fase II a (de meados do II milénio a.C. aos séculos IX-VIII, como na Fase II b, do século VIII a.C. se encontraram paralelos para as formas carenadas (taças e vaso baixo) do Cerro do Malhanito (Aubet-Semmler *et al.*, 1983, Fig. 22, n.º 41, 42, 44 pertencentes à Fase II a; Fig. 29, n.º 123, da Fase II b).

Em Portugal, as produções datadas mais tardias de taças lisas finas, manuais e desprovidas de decoração, tendo presente a área mais próxima da que se encontra em estudo, provêm da necrópole sidérica da Herdade do Pego, Ourique. Assim, na sepultura II (provavelmente de inumação, a ser de facto uma sepultura, cf. Beirão, 1986, p. 61), recolheram-se diversos recipientes, repartidos tipologicamente por diversas formas (Dias, Beirão & Coelho, 1970, p. 185), das quais uma se aproxima dos dois exemplares carenados em estudo: trata-se de duas taças baixas, com carena pouco acentuada e "omphalus", observado no exemplar completo (*op. cit.*, p. 204). A cronologia desta necrópole, onde foi encontrada uma lápide epigrafada, pertencente à sepultura III (de incineração), foi situada na segunda metade a finais do século VII a.C. (Correia, 1996, p. 55).

Face a tais considerandos, o limite cronológico mais recente do conjunto exumado no Cerro do Malhanito poderia atingir os finais do século VII/inícios do século VI a.C. Em tal caso, estaríamos perante populações que não deteriam contactos directos com os colonizadores fenícios, de há muito sediados no litoral atlântico adjacente, o que é estranho, tendo presente a interacção que resultaria da presença da mineração, especialmente do cobre, que constituiria a principal razão da presença destas populações. Crê-se, em consequência, mais aceitável admitir uma época anterior, não só pelo motivo apresentado, mas também porque tais produções tardias são residuais na área tartéssica, nelas se verificando nítida degradação da qualidade do fabrico, contrastando com a realidade evidenciada pelas peças em estudo: com efeito, os recipientes de superfícies lisas brunidas e brilhantes constituem não só a totalidade do conjunto cerâmico recolhido, como a excelente qualidade da sua produção o situa numa época de apogeu, a qual se terá verificado, na área tartéssica, entre os séculos VIII e inícios do século VI a.C. É, pois, esta a cronologia que se pode atribuir a este belo conjunto cerâmico.

Tal cronologia corresponde, na Andaluzia ocidental, ao Orientalizante antigo/ Transição para o Orientalizante pleno; este último abarcaria todo o século VII e inícios do seguinte (Pellicer, 1979/1980, p. 328, 329). É de referir, a terminar a discussão da cronologia, que, na submeseta sul, é também nos séculos VIII e VII a.C. que se increvem as produções de recipientes análogos (García Huerta & Rodríguez, 2000, p. 62), fazendo a transição para o mundo ibérico.

3.2. **As peças metálicas**

O anel ou argola de bronze tem inúmeros paralelos em estações do Bronze Final do território português, os quais poderiam ser utilizados como elementos de artefactos compósitos, ou isoladamente (como verdadeiros anéis).

O fragmento de alfinete com cabeça em calote esférica, ao contrário, é assinalavelmente raro para a referida época: os dois paralelos publicados mais próxi-

mos do território português correspondem a exemplares auríferos, com cabeça em botão, aplanada ou levemente convexa; um deles, foi recolhido no povoado calcolítico da Penha Verde, Sintra (Zbyszewski & Ferreira, 1958, Est. IV, n.º 13); o outro, corresponde ao achado descontextualizado de Areia, Mealhada (Armbruster & Parreira, coord., 1993, p. 152). No primeiro caso, afastada a hipótese de ser peça calcolítica, a alternativa mais provável é que se integre no Bronze Final, também representado na estação, e não no Bronze Antigo, cronologia que foi atribuída ao exemplar homólogo de Areia, Mealhada pelos autores citados. No entanto, o exemplar que mais se aproxima do recolhido provém do povoado do Bronze Final da Tapada da Ajuda, Lisboa (inédito, escavações dirigidas pelo signatário), também de bronze e, tal como o agora estudado, possui cabeça em forma de calote esférica pronunciada.

Em abono de uma cronologia adrede o Bronze Final para aquelas raras produções auríferas, pode invocar-se a sua semelhança com exemplares de alfinetes do Bronze Final, de bronze, como o da Tapada da Ajuda, para além da evidente analogia que se evidencia entre a morfologia das suas cabeças, e a dos remates de diversas braceletes do Bronze Final recolhidas em território português.

Enfim, o fragmento de aro de cobre ou bronze merece análise mais extensa. Não cremos que existam razões indiscutíveis para o fazer corresponder a fragmento de fíbula anular hispânica, dado o seu estado fragmentário e deformado. Com efeito, desde o Calcolítico que ocorrem aros de cobre de morfologia idêntica; é de registar, também, o achado de argola idêntica, com o diâmetro de 4,5 cm, portanto próxima do exemplar em causa, na sepultura IV E da necrópole de Atalaia, Ourique, pertencente ao Bronze do Sudoeste (Schubart, 1965 b, Fig. 7).

Mesmo em estações de épocas próximas, como o sítio metalúrgico de San Bartolomé de Almonte, Huelva (Ruiz Mata & Fernández Jurado, 1986), onde se recolheram fragmentos de morfologia e tamanho idênticos, estes foram simplesmente classificados como fragmentos de aro ou de "lezna" (Lám. XIV, n.º 238; Lám. XXXVI, n.º 507).

No entanto, a assinalável diacronia representada pelas produções cerâmicas merecia que se discutisse com algum detalhe a eventualidade de poder corresponder a uma fíbula anular hispânica, cujos protótipos mais antigos, com raízes andaluzas, remontam, precisamente, ao século VI a.C., ou mesmo à segunda metade do século VII a.C. (Ponte, 2004), de acordo com a estratigrafia do Castillo de D^a. Blanca, Cádiz (Ruiz Delgado, 1989, p. 205). Já muito antes, M. Pellicer, na sua inovadora e ainda hoje útil síntese sobre a periodização do mundo tartéssico e turdetano, declarava, ao referir-se às transformações verificadas na área tartéssica no século VI a.C.: "La metalisteria y orfebrería de matriz orientalizante prosigue su esplendor, introduciéndose elementos nuevos, como las grandes fíbulas anulares hispánicas tan características del mundo ibérico-turdetano" (Pellicer, 1979/1980, p. 331). Não deixa, todavia, de se estranhar, admitindo tal cronologia para a reutilização funerária desta *tholos*, o contraste

evidenciado entre o conservadorismo dos recipientes cerâmicos, todos de fabrico manual, face à ocorrência de um dos primeiros exemplares deste novo adereço metálico.

Relembre-se que, em Portugal, Caetano Beirão, já na década de 1980, tinha situado no século VI a.C. a grande fibula anular da necrópole de Chada, Ourique, segundo comparações tipológicas e as características do material acompanhante (Beirão, 1986, p. 86). Não parecem, deste modo, licitas as reservas a esta cronologia apresentada mais recentemente, e, por extensão, à cronologia dos séculos VII e VI a.C. das necrópoles baixo-alentejanas escavadas por aquele arqueólogo (Jiménez Ávila, 2004). Caetano Beirão diz, a propósito desta bela peça, o seguinte (Beirão, 1986, p. 86): "Quant à la détermination de la date (da necrópole), nous devons fixer une époque reculée, compte tenu de la date de la fibule dont la forme et les dimensions, selon nous, se rapprochent le plus de celle-ci, à savoir, celle qui a été recueillie dans les fouilles de Cerro Macareno (Séville), d'une stratigraphie sûre qui permet de l'attribuer à la fin du VI siècle av. J.C. Ceci nous conduit donc à attribuer notre fibule à la même époque – VI siècle av. J.C., ce qui, nous semble-t-il, est en accord avec les dates possibles du reste du matériel de la nécropole". Esta opinião é precisada por V. H. Correia (mas não "corrigida", ao contrário do que o próprio declara), ao situá-la nos inícios do século VI a. C. (Correia, 1993, p. 359). O aro de bronze recolhido no Cerro do Malhanito, no caso de corresponder a uma fibula anular hispânica, pode, face ao que ficou dito, ascender sem dificuldade aos primórdios do século VI a.C., se não mesmo aos finais do século anterior, o que é compatível com as suas significativas dimensões, sendo coevo das belas peças cerâmicas ali também recolhidas, as quais se inscreveriam nas derradeiras produções indígenas do mundo de influência tartéssica, ao qual, por critérios geográficos, não deixariam de pertencer.

5. Reutilizações funerárias de monumentos megalíticos, no decurso do Bronze Final e da I Idade do Ferro no sul de Portugal

5.1. *A tholos da Roça do Casal do Meio, Sesimbra*

A inumação identificada na câmara da *tholos* do Cerro do Malhanito possui o paralelo mais evidente nas duas deposições, em decúbito dorsal e lateral, identificadas na *tholos* da Roça do Casal do Meio, Sesimbra. A complexidade arquitectónica atribuída ao monumento pelos seus escavadores (Spindler *et al.*, 1973/1974) foi revista e substancialmente simplificada, à luz de nova interpretação dos dados da escavação, pelo signatário (Cardoso, 2000 a, p. 245). Tratar-se-ia de uma *tholos*, com corredor e câmara de planta curvilínea, coberta por *tumulus* zonado, sendo a sua parte central constituída superficialmente por camada de blo-

cos, que protegiam um núcleo de terra compactada, delimitado na sua periferia por uma coroa lítica. Nestes termos, não se distanciaria da solução adoptada pelos seus congéneres calcolíticos.

A tipologia arquitectónica do monumento é, pois, muito mais simples que a descrita pelos escavadores e justifica a sua reavaliação cronológica. O facto de nele não se ter encontrado um único artefacto calcolítico pode explicar-se por uma limpeza total do monumento aquando das duas tumulações efectuadas no Bronze Final: o caso do Cerro do Malhanito constitui, a tal respeito, forte indício que poderá ser invocado em apoio de tal hipótese.

Com efeito, alguns autores, a começar pelos próprios escavadores, admitiram tratar-se de um monumento reutilizado (Spindler *et al.*, 1973/1974, p. 117), com base em evidências empíricas que descrevem e valorizam; segundo eles, a utilização do Bronze Final ter-se-ia dado em momento claramente posterior à construção do monumento. No entanto, não conseguiram determinar a finalidade da mesma, atribuindo-lhe utilização prévia desconhecida (o que se compreende, dada a ausência de qualquer espólio anterior ao Bronze Final). Esta opinião foi perfilhada ulteriormente por vários autores, atribuindo à ocupação do Bronze Final o carácter de reutilização de um monumento de cronologia muito anterior (Belén, Escacena & Bozzino, 1991, p. 237): os autores são, a tal propósito, explícitos, ao reportarem a Roça do Casal do Meio ao grupo de sepulturas onde "La información que examinamos nos ofrece también ejemplos de reutilización de monumentos de cronología muy anterior y técnica de construcción que podemos denominar megalítica." Dois dos autores, mais tarde, alteraram a sua posição, declarando que "las características arquitectónicas de la construcción (...) no tienen paralelos conocidos en el mundo megalítico portugués del Neolítico ni del Cobre – no que se equivocaram, ou por desconhecerem as características de outras *tholoi* estremenhas, como a de Tituaria, Mafra, ou a de Pai Mogo, Lourinhã, entre outras (Belen Deamus & Escacena Carrasco, 1995, p. 108), ou por terem seguido demasiado à letra a reconstituição arquitectónica do monumento apresentada por K. Spindler e colaboradores (hipótese mais provável).

Mais matizada foi a posição de M. Almagro-Gorbea (1989, p. 363), apresentando a sepultura da Roça do Casal do Meio como "de inspiración dolménica", expressão que se afigura, em todo o caso, incoerente, pois que não explica como tal "inspiração" poderia ter vencido o longo período entre o final do megalitismo, cerca dos meados do III milénio a. C. e a cronologia do sepulcro, 1500 anos mais moderno... Mais tarde, o mesmo autor admitiu tratar-se de uma "creación local", sem precedentes peninsulares conhecidos, "lo que hace suponer que refleja contactos precoloniales", invocando, para o efeito, vários paralelos, tanto no Mediterrâneo Oriental, como no Mediterrâneo Central (Almagro-Gorbea, 1998, p. 85-86).

O facto de ser o único sepulcro peninsular no seu género atribuível ao Bronze Final daria desde logo que pensar; no entanto, foi exactamente esta a razão que levou

a procurar em domínios geográficos extra-peninsulares a origem dos seus construtores, aliás já sugeridos pelos escavadores, ao estabelecerem (ainda que erroneamente) paralelo com as arquitecturas nurágicas (Spindler *et al.*, 1973/1974, p. 71).

A hipótese de ser extra-peninsular a origem dos seus construtores fora já anteriormente aceite pelo signatário (Cardoso, 2000 a, p. 65). Com efeito, no espólio arqueológico, a par de peças cerâmicas de produção indígena, avultam dois exemplares claramente exógenos – a fíbula com enrolamento no arco “ad occhio”, com evidentes paralelos sicilianos (Bernabó Brea, 1972, Fig. 34), a par do pente de marfim, cuja origem norte-africana é clara. Tais ocorrências justificaram, fundadamente, a hipótese de terem resultado da actividade de comerciantes com origem no Mediterrâneo Central. Para tal, importaria averiguar até que ponto existiriam nessa área geográfica sepulturas análogas que pudessem ter servido como modelo, visto as derradeiras *tholoi* micénicas remontarem ao século XIII a.C. (Mylonas, 1957), sendo, portanto, cerca de 200 anos mais antigas. Com efeito, a arquitectura de alguns sepulcros de Monte Dessueri não se afastaria muito da presente na Roça do Casal do Meio (Blasco Bosqued, 1987, p. 25). Na mesma linha se inscrevem as seguintes considerações sobre sepulcros idênticos da Sicília (Malone, Stoddart & Whitehouse, 1994, p. 177): “The final phases of the Late Bronze Age are typified by the site of Sant’Angelo Muxaro on the south coast, which is famous mostly for its remarkably rich *tholoi* tombs, dating from the Final Bronze Age to the Early Iron Age (8th-6th century BC)”; em Caltagirone, também na Sicília, reconheceu-se igualmente a presença de *tholoi*, integráveis naquele período, as quais “oferecem o maior interesse sob o ponto de vista arquitectónico e os tornam diferentes de todas as outras sepulturas sicilianas. Sob certos aspectos, podem relacionar-se com protótipos micénicos, ainda que em escala mais reduzida” (Bernabó Brea, 1972, p. 162). Esta solução arquitectónica teria, deste modo, coexistido com as numerosas necrópoles sicilianas escavadas nas rocha, das quais duas das mais célebres são as de Casibile e de Finnocchito.

No entanto, tendo presentes as observações estratigráficas dos escavadores do monumento, incluindo a observação de que “le sol avait été nettoyé préalablement pour y mettre les squelettes et que la terre balayée avait été mise dans la partie sud-est (Spindler *et al.*, 1973/1974, p. 117), somadas à revisão da arquitectura do monumento, que não o diferencia da correspondente a uma *tholos* calcolítica da região estremenha, e ainda ao paralelo oferecido pelo caso em estudo, em que se esvaziou totalmente a câmara de monumento análogo calcolítico, para se proceder à sua reutilização funerária, através, igualmente, de uma ou duas inumações, sobre o solo primitivo do recinto, parece que a hipótese de reaproveitamento de um monumento calcolítico ganha significativa credibilidade. Até porque – insiste-se – se trataria, em caso contrário, de ocorrência única no contexto peninsular. Trata-se, no entanto, de questão que se encontra longe de esclarecida.

5.2. **Monumentos do Lousal, Grândola**

No concelho de Grândola, foram explorados diversos monumentos megalíticos, a que já anteriormente se fez referência. A reutilização do grande dólmen n.º 1 (cuja câmara, bem como a de um nicho lateral, seria em falsa cúpula) encontra-se documentada por uma taça carenada da Idade do Bronze, a qual seria acompanhada de uma conta elipsoidal de cornalina, com furo cilíndrico, não referido no inventário apresentado pelos escavadores, como já anteriormente se disse (materiais expostos no Museu do ex-Instituto Geológico e Mineiro). Adjacente ao dólmen n.º 3, cuja câmara também seria coberta com falsa cúpula, escavou-se uma cista, contendo "restos de cerâmica atípica e quatro instrumentos de ferro" (Ferreira & Cavaco, 1955/1957, p. 191). Fica assim colocada a possibilidade de o grande dólmen ter sido reutilizado na Idade do Bronze, pertencendo a cista já à Idade do Ferro.

5.3. **Tholos do Barranco da Nora Velha, Ourique**

Este monumento megalítico foi explorado por A. Viana, que dele deu duas sumárias descrições, mutuamente complementares (Viana, 1959, p. 24 e seg.; Viana, 1960, p. 181 e seg.). Importa, no âmbito deste estudo, valorizar quatro recipientes (duas urnas e duas taças), todos com ornatos brunidos, descritos pelo autor na segunda das suas notas (reportando, como era natural na época, as linhas brunidas a restos de pintura policroma). O autor relacionou as taças como sendo as coberturas das duas urnas, que teriam assim servido como contentores cinerários, declarando, a propósito: "isto faz lembrar os começos da Idade do Ferro (...)" (Viana, 1960, p. 188). Num dos lados do monumento, encostado à parede da câmara, encontraram-se, à superfície, restos de um caldeirão de bronze, representados por delgadíssimos fragmentos e pelo varão, de secção circular, pertencente à asa do recipiente. Esta peça, apesar de recolhida à superfície e da exiguidade dos elementos recolhidos, pertence à Idade do Bronze (Viana, 1960; Correira, 1997, p. 67). Deste modo, integrar-se-á, conjuntamente com as contas de âmbar e de ouro ali recolhidas, na época a que deverão ser reportados os vasos acima referidos, os quais jaziam na câmara do monumento, a um nível cerca de 0,90 m mais alto que o chão do corredor. Pode concluir-se que, na reutilização funerária deste monumento megalítico no decurso do Bronze Final, está presente a incineração, como nas necrópoles do Bronze Final de Alpiarça, recorrendo-se, pelo menos em um caso, a recipiente de tipologia e decoração análogas (Viana, 1960, Est. XLI, n.º 10).

5.4. *Tholos do Monte do Outeiro, Aljustrel*

A segunda fase de ocupação deste monumento megalítico encontra-se representada por um conjunto de inumações, situadas todas ao mesmo nível, bem separadas das deposições do nível inferior, coevo da primeira utilização do monumento, ao que parece em decúbito lateral, sendo cada uma delas acompanhada por dois vasos de barro; perto de uma delas, recolheram-se duas pontas de lança de ferro, sobrepostas, e uma sovela de cobre (Schubart, 1965 a, p. 196 e 197); há ainda a registar uma ponta Palmela.

As inumações foram consideradas pelos exploradores do monumento e autores da primeira notícia sobre o mesmo (Viana, Ferreira & Andrade, 1961), do final da Idade do Bronze, princípios da Idade do Ferro. No entanto, o estudo tipológico realizado por H. Schubart permitiu destringer duas reutilizações: a primeira, correspondente ao conjunto dos vasos e dos objectos de cobre, facilmente reportáveis ao curto período de transição no sul de Portugal do Calcolítico para a Idade do Bronze que, anos volvidos, viria a baptizar com o nome de "Horizonte de Ferradeira". A segunda, encontrar-se-ia apenas representada pelas duas pontas de lança de ferro, constituindo peças isoladas, segundo o arqueólogo alemão.

Efectuou-se observação directa dos recipientes, no Museu do ex-Instituto Geológico e Mineiro. Do conjunto, merecem destaque dois vasos abertos, de paredes verticais, num caso e inclinadas, no outro, com bases levemente convexas (Schubart, 1965, Est. II, h e i), que possuem paralelos formais em dois dos exemplares da *tholos* do Malhanito (Fig. 10, n.º 1 e 6), particularmente em um deles (Est. II, i).

O acabamento é cuidado, observando-se num caso brilho devido a espátulado fino e superfície brunida; no outro, a superfície apresenta-se bem alisada, mas sem brilho, eventualmente em resultado da erosão. Os restantes recipientes distribuem-se por dois grupos: as taças e os vasos fechados, entre os quais os de forma campanular, característicos do final do Calcolítico: em ambos os grupos se observam fabricos e acabamentos de dois tipos muito distintos: os de paredes finas e superfícies muito bem alisadas e com ligeiro brilho; e os de paredes grosseiras, com superfícies irregulares. Nestas circunstâncias, não existem fundadas razões para separar o conjunto dos recipientes em duas épocas distintas, embora se reconheça que também não existem argumentos decisivos para rejeitar a inclusão dos seis vasos na Idade do Ferro, como admitiram os exploradores do monumento.

5.5. *Cista megalítica do Cerro das Antas, Almodôvar*

O espólio da primeira ocupação desta grande cista megalítica de planta sub-quadrangular (Viana, Ferreira & Andrade, 1957, Fig. 1, n.º 3) integra-se no Neolítico Final ou no Calcolítico. Na parte superior do enchimento, foram identificadas

quatro urnas cinerárias, da Idade do Ferro, protegidas por amontoado de pedras que as cobriam e circundavam. Entre estas e o chão primitivo do interior do monumento, desenvolvia-se, segundo os escavadores, uma camada estéril, sem sinais de remeximento. Na camada da ocupação primitiva, a par de fragmentos de cerâmicas pré-históricas, e de duas pontas de seta, recolheram-se três braceletes de ouro, justapostas (*op. cit.* Est. V). Esta observação foi suficiente para que os exploradores considerassem tais jóias como calcolíticas; na verdade, pertencem ao Bronze Final como outras, suas homólogas de diversas proveniências (Armbruster & Parreira, 1993, 56 e 57). Deste modo, a posição isolada, na parte superior do enchimento das urnas da Idade do Ferro, corresponde à segunda reutilização do monumento, sendo a primeira corporizada pelos três braceletes, que ocorreram isolados, formando um só conjunto. Tal como a maioria dos achados congêneres auríferos, não é possível relacionar este conjunto com qualquer tumulação, cujos vestígios, a existir, passaram despercebidos: com efeito, a principal característica de tais achados é, precisamente, a ausência de contextos bem definidos, aspecto que parece adequar-se ao presente caso, o qual, não obstante, documenta a reutilização de um sepulcro megalítico no Bronze Final, bem como na II Idade do Ferro.

5.6. ***Necrópole de cistas de Santa Vitória, Beja***

Nesta necrópole do Bronze Pleno do Sudoeste encontraram-se restos de peças de ferro. A. Viana refere, sem mais pormenores, “sinais de armas de ferro” (Viana, 1960, p. 188), as quais configurariam a reutilização daqueles espaços sepulcrais; porém, não se compulsaram outros elementos que pudessem apoiar aquela afirmação.

5.7. ***Tholos do Cerro do Gatão, Ourique***

Na sanja executada na mamoa deste monumento excelentemente conservado, do lado exterior do recinto funerário, constituído por corredor e câmara com cobertura em falsa cúpula, foram encontradas duas peças da Idade do Ferro: a primeira é uma estranha aplicação de cobre, com ambas as extremidades profundamente denteadas, fixada por rebtagem a uma pequena barra de ferro. A segunda corresponde a placa de cinturão de bronze. Ambas se encontram reproduzidas pelos autores da exploração (Viana, Ferreira & Andrade, 1961, Est. III, n.º 1 e 2). A placa foi definida dentro da classificação das fivelas da Idade do Ferro apresentada por W. Schüle como do “tipo El Acebuchal” (Schüle, 1969, p. 132). Tem diversos paralelos em estações portuguesas (Almeida & Ferreira, 1967), situando-se na transição do século VII para o VI a.C., cronologia compatível com o achado de um destes exempla-

res na sepultura 10 da necrópole de La Joya, posteriormente publicado (Garrido Roiz, 1970, Fig. 45, n.º 1), podendo atingir os meados do século VI a. C.; tal foi a cronologia proposta para uma fibula deste tipo encontrada em uma sepultura da Floresta Negra, claramente de origem peninsular (Spindler, 1973). No estudo sistemático efetuado por M. L. Cerdeño Serrano, a peça do Cerro do Gatão integra o Tipo D-I, com cronologia entre cerca de 625 e inícios do séc. VI a.C. (1978, p. 283), e foi conotada com uma sepultura secundária de incineração (Berrocal-Rangel, 1992, p. 139).

6. Práticas funerárias do Bronze Final e da Idade do Ferro na parte meridional do território português

O conjunto recolhido na câmara da *tholos* do Barranco da Nora Velha é compatível com tumulações cinerárias em urna; aliás, o escavador é explícito no tocante à relação entre os dois grandes recipientes fechados, que serviriam de contentores, com as duas taças, que os cobriam. A sua cronologia inscreve-se sem dificuldade no Bronze Final, possuindo estreitos paralelos no conjunto das necrópoles de Alpiarça (Tanchoal e Meijão), recentemente datado por radiocarbono entre meados do século XI e os inícios do século IX a.C. (Vilaça, Cruz & Gonçalves, 1999), onde as tumulações cinerárias recorreram ao mesmo tipo de recipientes. No mesmo intervalo cronológico se inscreve a sepultura da Roça do Casal do Meio, onde se documentaram duas inumações; verifica-se, pois, que, no Bronze Final da parte meridional do território português, ambas as práticas funerárias foram utilizadas. O mesmo se observa na I Idade do Ferro: assim, nas necrópoles baixo-alentejanas estudadas por Caetano Beirão ocorrem incinerações e inumações, por vezes na mesma necrópole, embora se tenha podido destrinçar certa diacronia entre uma e outra de tais manifestações: assim, o autor declara que nas necrópoles mistas, as sepulturas de planta circular são sempre de incineração anteriores às de planta rectangular; quanto às sepulturas de incineração – em fossa e de estrutura rectangular – são anteriores às sepulturas rectangulares de inumação (Beirão, 1986, p. 49). Estes considerandos justificaram as seguintes judiciosas observações de V. H. Correia (1993, p. 355, 356): “Parece-nos que não estamos perante um caso em que possamos, linearmente, falar de uma cultura de inumação ou de uma cultura de incineração como fenómenos mutuamente exclusivos (como acontecerá talvez noutras áreas e períodos) sendo de afirmar – tomando literalmente as diversas afirmações produzidas pelos vários escavadores (o que condições de terreno reconhecidamente ingratas nos desculpariam talvez de não fazer) – que coexistiram uma e outra forma de tratamento do cadáver, com qualquer dos tipos de deposição ritual de mobiliário, em datas muito diversas”. No entanto, a leitura da obra de Caetano Beirão apenas autoriza a admitir coexistência de ambas as práticas no espaço e não no tempo, como explicitamente aquele o autor deixou claro.

Quanto ao Algarve, são bem conhecidas as cistas rectangulares de necrópoles famosas, como a de Bensafrim, Lagos (VEIGA, 1891, Est. XXVII), onde se continuou na I Idade do Ferro a seguir a prática da inumação, exactamente nos mesmos moldes em que aquela se efectuava, no decurso do Bronze Pleno do Sudoeste. Mas desconhece-se se em continuidade ou não, aspecto que seria essencial ver esclarecido para o enquadramento adequado da inumação identificada no Cerro do Malhanito. Em prol da hipótese de a tradição do Bronze Pleno da inumação em cista não se encontrar, tal como no Algarve, perdida na I Idade do Ferro do Baixo Alentejo é o testemunho de Caetano Beirão, ao sublinhar as grandes semelhanças arquitectónicas de algumas das sepulturas de inumação das necrópoles da I Idade do Ferro que explorou, como o túmulo 5 do monumento III da Fonte Santa, com as cistas da Idade do Bronze das necrópoles da mesma região. Além disso, como já acima ficou dito, dentro de cada necrópole, as sepulturas mais antigas, sempre de inumação, possuíam estruturas circulares envolventes – aspecto particularmente valorizado por Caetano Beirão para as aproximar das necrópoles do Bronze Pleno, como a de Atalaia, onde também se verificou a existência de tais estruturas (Beirão, 1973, p. 201) – aspecto que contrasta com as sepulturas sidérricas mais recentes, onde tais recintos têm plantas rectangulares.

Correspondendo o Cerro do Malhanito à única sepultura de inumação do final do Bronze Final/inícios da Idade do Ferro da parte meridional do actual território português, situa-se, conseqüentemente, entre as sepulturas de inumação do Bronze Pleno e da I Idade do Ferro, constituindo um possível elo de continuidade tanto geográfico como cronológico, na prática deste ritual funerário.

Na região tartéssica, a aludida ausência de tumulações pertencentes à época inicial da formação daquele círculo cultural, no Bronze Final – contrastando com a riqueza do registo anterior, representado pelas necrópoles de cistas do Bronze Pleno da região de Huelva (Amo, 1975) – é algo que ainda se encontra por esclarecer: "Lo que eses vivos hicieron con sus muertos es algo que, por el contrario, desconocemos por completo, habiéndose sugerido sólo a nivel de hipótesis una cuantas soluciones que pretenden rellenar el vacío" (Belén Deamus & Escacén Carrasco, 1995, p. 103).

Ao contrário, na região do Alto Guadalquivir, conhecem-se, tal como no sul de Portugal, necrópoles do Bronze Final de inumação e de incineração; é nestas últimas que se inscreve a de Cerro Alcalá, Jaén, onde ocorrem taças lisas, carenadas e com "omphalus" idênticas às estudadas, num caso associada a fibula de cotovelo do tipo siciliano (Carrasco *et al.*, 1980, Fig.1, n.º 2; Fig. 4, n.º 11).

A inumação do Cerro do Malhanito integra-se, face ao que acima se disse, na tradição da prática de inumação do Bronze Pleno, com prolongamento bem conhecido pela Idade do Ferro regional; situando-se geograficamente na periferia da área tartéssica, os habitantes desta região raiana podem dali ter recebido estímulos culturais diversas, os quais, como se viu, se encontram expressos pela tipologia dos recipientes cerâmicos; a tradição, naquela área cultural, da inumação, len-

tamente substituída pela nova prática de incineração dos corpos, ainda se verificaria no século VII a.C. e inícios do seguinte, em túmulos com ampla câmara central para inumações, cuja prática poderia encontrar-se associada às classes socialmente mais elevadas (Pellicer, 1979/1980, p. 329). É exactamente nessa tradição, mas reaproveitando um verdadeiro sepulcro megalítico, que se encontra a ocorrência em estudo, sem contudo cair no exagero do citado autor ao considerar a conotação dessa tradição "como un recuerdo de los viejos ritos megalíticos de la misma geografía" (*idem, ibidem*).

Seja como for, os exemplos inventariados revelam a elevada carga simbólica dos antigos espaços funerários megalíticos, então ainda não perdida no sul de Portugal (Correia, 1997, p. 67) como, aliás, em muitas outras regiões do País, onde é frequente a reutilização funerária de monumentos megalíticos no decurso da Idade do Bronze – à semelhança do verificado no sudeste peninsular (Lorrio & Montero Ruiz, 2004).

Enfim, é de conotar a existência desta e de outras ocorrências sepulcrais neste sector oriental da serra algarvia, com a presença de mineralizações, sobretudo cupríferas, mas também ferríferas e até argentíferas e auríferas. A posição geográfica favorável de tais ocorrências, entre o litoral e o *hinterland*, e nas proximidades da importante via de navegação fluvial que foi o Guadiana (até ao século XX...) teriam conduzido à sua intensa exploração no decurso da primeira metade do I milénio a.C. Com efeito, o povoamento do Bronze Final e da Idade do Ferro do sector oriental da serra algarvia é muito mais importante do que os poucos vestígios até há pouco conhecidos faziam crer, como aliás foi demonstrado claramente pelo levantamento arqueológico da freguesia serrana de Cachopo (Tavira), confinante com a área em estudo (Maia, 2000).

Aliás, a relevância dos recursos mineiros no povoamento pré e proto-histórico da serra algarvia e, em particular, as identificadas no concelho de Alcoutim, nas freguesias de Vaqueiros, Martim Longo, Giões, Pereiro e Alcoutim, tinha sido já sublinhada por Estácio da Veiga, de forma expressiva: "Ora, quanto todo aquelle agreste escampado chega a parecer improprio para repouso de mortos, como poderia ter sido habitado por vivos, se um interesse local não os tivesse attrahido!" (Veiga, 1891, p. 134). Com efeito, as recentes explorações efectuadas nos dois núcleos da necrópole de Cabeço da Vaca, referidas no início deste estudo, confirmam a continuação da prática da inumação na I e II Idade do Ferro, somando-se aos mais abundantes testemunhos da Idade do Bronze, representados por diversas necrópoles de cistas, a começar pelas identificadas na região por Estácio da Veiga (Veiga, 1891, p. 133).

Existiria, pois, interesse económico relevante no povoamento desta região no Bronze Final/inícios da Idade do Ferro consubstanciado na mineração e consequente comercialização dos produtos manufacturados ou dos próprios minérios (além do cobre, referiu-se o ferro, e, embora em menor escala, a prata e o ouro).

As recentes descobertas da presença fenícia, directa ou indirecta, efectuadas junto ao litoral, na própria cidade de Tavira, situáveis nos séculos IX ao VII a.C. (Maia, 2003), bem como na antiga Castro Marim (Arruda, 1999/2000), documentam claramente tal realidade. Tais implantações podem, assim, relacionar-se com o comércio de metais, na esfera do mundo tartéssico, de cuja periferia esta região faria parte integrante: actividade que esteve na origem dos estabelecimentos fenícios implantados naquele trecho litoral (Tavira), em evidente continuidade com os seus imediatos antecessores do fim do Bronze Final, ou Tartéssico Pré-colonial, na terminologia de M. Pellicer (1979/1980).

Com efeito, recentes estudos da demografia e distribuição espacial dos povoados do Bronze Final (1100-750 a.C.) da serra de Huelva (logo do outro lado da fronteira ...), mostraram que existiria maior independência do povoamento, comparativamente aos seus antecessores calcolíticos face à capacidade de uso dos solos, litologia e hidrologia, preferindo-se implantações em lugares pouco acessíveis, dominando vastos horizontes, o que indica capacidade para a gestão de uma maior diversidade de circunstâncias geográficas e ambientais, dentro das condições relativamente homogéneas que caracterizam a própria serra de Huelva (García Sanjuan & Hurtado Pérez, 2004, p. 39, 40). Tal realidade seria indissociável de um acréscimo da economia minero-metalúrgica, particularmente bem representada no povoado de El Trastejón, com significativa actividade metalúrgica, o qual teria equivalente no de Chinflón, especializado, por seu turno, na exploração mineira, para além do próprio depósito bronzífero da ria de Huelva. Inscritos cronologicamente entre cerca de 940 e 850 a.C., seriam a expressão cabal da pujança da actividade económica desenvolvida na bacia do baixo Guadiana, de ambos os lados da actual fronteira, no âmbito do comércio atlanto-mediterrâneo do Bronze Final, prenunciador imediato da importância que a região viria a assumir no comércio de metais, com o advento da empresa fenícia.

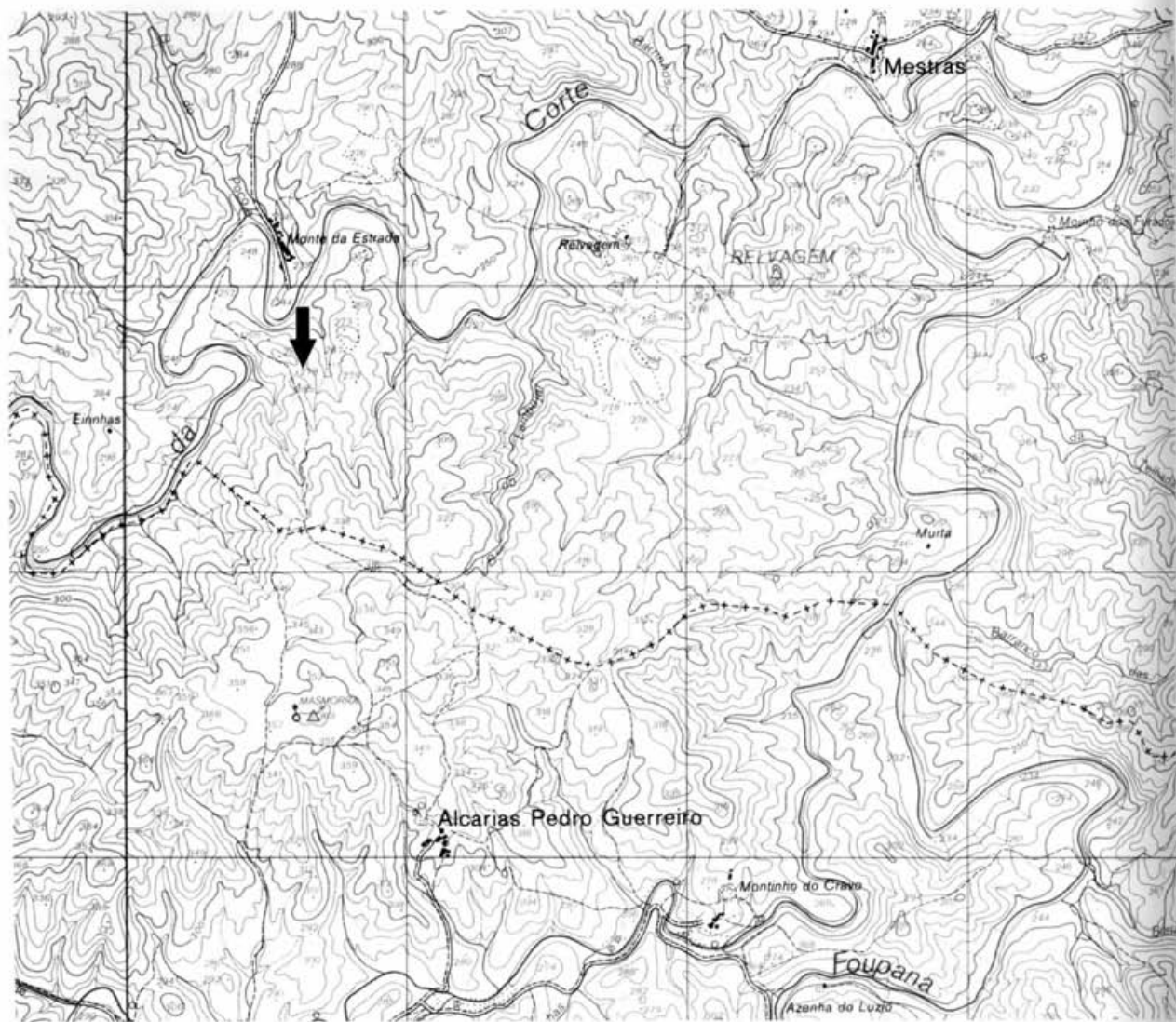
Bibliografia

- ALMAGRO-GORBEA, M. (1989) – Bronce Final y Edad del Hierro. La formación de las etnias y culturas prerromanas. *Historia de España. 1. Prehistoria* (F. Jordá Cerdá et al., eds.), p. 341-532. Madrid: Gredos.
- ALMAGRO-GORBEA, M. (1998) – *Precolonización y cambio socio-cultural en el Bronce Atlántico*. *Trabalhos de Arqueologia*. Lisboa, 10, p. 81-100.
- ALMEIDA, F. de & FERREIRA, O. da Veiga (1967) – Fechos e placas de cinturão hallstáticos, encontrados em Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III, 1, p. 81-95.
- AMO, M. del & BELÉN, M. (1981) – Estudio de un corte estratigráfico en el Cabezo de San Pedro. *Huelva Arqueológica*. Huelva. 5, p. 57-144.
- AMO, M. del (1975) – Enterramientos en cista de la provincia de Huelva. *Huelva: Prehistoria y Antigüedad*, p. 109-182. Madrid: Editora Nacional.

- ARMBRUSTER, B. & PARREIRA, R. (1993) – *Inventário do Museu Nacional de Arqueologia. Coleção de Ourivesaria. 1.º Volume. Do Calcolítico à Idade do Bronze*. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura.
- ARRUDA, A. M. (1999/2000) – *Los Fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a.C.)*. Barcelona: Universidad Pompeu Fabra de Barcelona (*Cuadernos de Arqueología Mediterránea*, 5/6).
- ARRUDA, A. M. (2003) – Tavira: afirmação do poder e estratégias de ocupação do território durante a 1ª Idade do Ferro. *Tavira. Território e Poder* (M. Maia et al., coord.), p. 51-55. Lisboa: Instituto Português de Museus.
- AUBET SEMMLER, M. E. et al. (1983) – *La Mesa de Setefilla. Lora del Rio (Sevilla). Campaña de 1979*. Madrid: Ministerio de Cultura (*Excavaciones Arqueológicas en España*, 122).
- BEIRÃO, C. M. (1973) – Cinco aspectos da Idade do Bronze e da sua transição para a Idade do Ferro no sul do País. *Actas das II Jornadas Arqueológicas* (Lisboa, 1972). 2, p. 193-221. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- BEIRÃO, C. M. M. (1986) – *Une civilisation protohistorique du sud du Portugal* (1.er Âge du Fer). Paris: De Boccard.
- BELÉN DEAMUS, M. & ESCACENA CARRASCO, J. L. (1995) – Acerca del horizonte de la ría de Huelva. Consideraciones sobre el final de la Edad del Bronce en el Suroeste ibérico. *Ritos de Paso y Puntos de Paso. La ría de Huelva en el mundo del Bronce Final europeo* (M. Ruiz-Gálvez Priego, ed.). Madrid: Universidad Complutense, p. 85-113. (*Complutum Extra*, 5).
- BELÉN, M.; AMO, M. del; FERNÁNDEZ-MIRANDA, M. (1982) – Secuencia cultural del poblamiento en la actual ciudad de Huelva durante los siglos IX-VI a.C. *Huelva Arqueológica*. Huelva. 6, p. 21-39.
- BELÉN, M.; ESCACENA, J. L. & BOZZINO, M. I. (1991) – El mundo funerario del Bronce Final en la fachada atlántica de la Península Ibérica. I. Análisis de la documentación. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 48, p. 225-256.
- BELÉN, M.; FERNÁNDEZ-MIRANDA, M. & GARRIDO, J. P. (1977) – Los orígenes de Huelva. Excavaciones en los Cabezos de San Pedro e La Esperanza. *Huelva Arqueológica*. Huelva. 3, 418 p.
- BERNABÓ BREA, L. (1972) – *Sicilia*. Lisboa: Editorial Verbo.
- BERROCAL-RANGEL, L. (1992) – *Los pueblos celticos del suroeste de la Península Ibérica*. Madrid: Editorial Complutense (*Complutum Extra*, 2).
- BLASCO BOSQUED, M. C. (1987) – Un ejemplar de fibula de codo "ad occhio" en el valle del Manzanares. *Boletín Asociación Española de Amigos de la Arqueología*. Madrid. 23, p. 18-28.
- CARDOSO, J. L. (2000 a) – A sepultura da Roça do Casal do Meio (Sesimbra) no quadro dos rituais funerários da Idade do Bronze da Baixa Estremadura. *Discursos. Língua, Cultura e Sociedade*. Lisboa. Série III, 2, p. 243-251.
- CARDOSO, J. L. (2000 b) – Na Arrábida, do Neolítico Antigo ao Bronze Final. *Actas do Encontro sobre Arqueologia da Arrábida*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 45-70 (*Trabalhos de Arqueologia*, 14).
- CARDOSO, J. L. & GRADIM, A. (no prelo) – A *tholos* do Cerro do Malhanito (Alcoutim). Resultados preliminares das escavações arqueológicas efectuadas. *Actas do II Encontro de Arqueologia do Algarve* (Silves, 2003). Silves. (*Xelb*, 5).
- CARDOSO, J. L. & SILVA, I. Mendes da (2004) – O povoado do Bronze Final da Tapada da Ajuda (Lisboa): estudo do espólio cerâmico. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7 (1), p. 227-271.
- CERDEÑO SERRANO, M. L. (1978) – Los broches de cinturón peninsulares de tipo celtico. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 35, p. 279-306.
- CARRASCO, J., et al. (1980) – Hallazgos del Bronce Final en la provincia de Jaén. La necropolis de Cerro Alcalá, Torres (Jaén). *Cuadernos de Prehistoria de la Universidad de Granada*. Granada. 5, p. 221-236.
- CORREIA, V. H. (1993) – As necrópoles da Idade do Ferro do sul de Portugal: arquitectura e rituais. *Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular* (Porto, 1993). Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. 2, p. 351-375 (*Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 33 (3/4)).

- CORREIA, V. H. (1996) – *A epigrafia da Idade do Ferro do sudoeste da Península Ibérica*. Porto: Edições Etnos. (*Patrimonium/Arqueologia* – 1).
- CORREIA, V. H. (1997) – Um modelo historiográfico para a Idade do Ferro do sul de Portugal e a sua arqueologia. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 37 (3/4), p. 41-85.
- DIAS, M. M. A.; BEIRÃO, C. de M. & COELHO, L. (1970) – Duas necrópoles da Idade do Ferro do Baixo Alentejo. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III, 4, p. 175-219.
- FERREIRA, O. da Veiga & CAVACO, A. Rodrigues (1952) – O monumento pré-histórico do Lousal (Grândola). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 32, p. 247-255.
- FERREIRA, O. da Veiga & CAVACO, A. Rodrigues (1955/1957) – Antiguidades do Lousal (Grândola). Sepulturas descobertas. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 15 (3/4), p. 190-202.
- GARCÍA HUERTA, R. & RODRIGUEZ, M. (2000) – La génesis del Mundo ibérico en la submeseta sur: el tránsito del Bronce final – I Edad del Hierro en Alarcos. *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología Universidad Autónoma de Madrid*. Madrid. 26, p. 47-68.
- GARCÍA SANJUAN, L. & HURTADO PÉREZ, V. (2004) – Análisis espacial de la dinámica de poblamiento en la sierra de Huelva durante la Prehistoria Reciente (c. 2500-750 a.n.e.). *II Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular* (Faro, 1996). Actas. Braga: Universidade do Algarve, p. 33-49 (*Promontoria Monografica* 01).
- GARRIDO ROIZ, J. P. (1970) – *Excavaciones en la necropolis de "La joya", Huelva*. Madrid: Ministerio de Educación y Ciencia (*Excavaciones Arqueológicas en España*, 71).
- GARRIDO ROIZ, J. P. & ORTA GARCÍA, E. M. (1978) – *Excavaciones en la necropolis de "La Joya" Huelva. II (3ª, 4ª y 5ª. Campañas)*. Madrid: Ministerio de Educación y Ciencia (*Excavaciones Arqueológicas en España*, 96).
- JIMÉNEZ ÁVILA, J. (2004) – La necrópolis de El Jardal (Herrera del Duque, Badajoz): elementos para una revisión cronológica de las necrópolis de la 1ª. Edad del Hierro del sur de Portugal. *II Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular* (Faro, 1996). Actas. Braga: Universidade do Algarve, p. 105-119 (*Promontoria Monografica* 01).
- LÓPEZ ROA, C. (1978) – Las ceramicas alisadas com decoración bruñida. *Huelva Arqueologica*. Huelva. 4, p. 145-180.
- LORRIO, A. J. & MONTERO RUIZ, I. (2004) – Reutilización de sepulcros colectivos en el sureste de la Península Ibérica: la colección Siret. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 61 (1), p. 99-116.
- MAIA, M. (2001) – *Levantamento da carta arqueológica de Cachopo*. Tavira: Campo Arqueológico e Tavira.
- MAIA, M. (2003) – O Bronze Final pré-fenício no concelho de Tavira. *Tavira. Território e Poder* (M. Maia et al., coord.), p. 39-47. Lisboa: Instituto Português de Museus.
- MALONE, C.; STODDART, S. & WHITEHOUSE, R. (1994) – The Bronze Age of southern Italy, Sicily and Malta c. 2000-800 B. C. *Development and decline in the mediterranean Bronze Age* (C. Mathers & S. Stoddart, eds.). Sheffield: J. R. Collis Publications (University of Sheffield), p. 167-194 (*Sheffield Archaeological Monographs*, 8).
- PELLICER, M. (1979/1980) – Ensayo de periodización y cronología tartesia y turdetana. *Habis*. Sevilla. 10/11, p. 307-333.
- PONTE, S. da (2004) – Retrospectiva sobre *fibulas proto-históricas e romanas de Portugal*. *Conimbriga*. Coimbra. 43, p. 199-213.
- RIBEIRO, O. (1986) – *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico. Estudo geográfico*. Lisboa: edições João Sá da Costa.
- RUIZ DELGADO, M. M. (1989) – *Fibulas protohistóricas en el sur de la Península Ibérica*. Sevilla: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Sevilla (*Serie: Filosofía y Letras*, 112).
- RUIZ MATA, D. & FERNANDEZ JURADO, J. (1986) – El yacimiento metalúrgico de época tartésica de San Bartolomé de Almonte (Huelva). *Huelva Arqueologia*, 8 (vol. 1, texto; vol. 2, Láminas). Huelva: Diputación Provincial de Huelva.

- RUIZ MATA, D., BLÁZQUEZ MARTINEZ, J. M. & MARTIN DE LA CRUZ, J. C. (1981) – Excavaciones en el Cabezo de San Pedro (Huelva). Campaña de 1978. *Huelva Arqueologica*. Huelva. 5, p. 149-316.
- SCHUBART, H. (1965 a) – As duas fases de ocupação do túmulo de cúpula do Monte do Outeiro, nos arredores de Aljustrel. *Revista de Gvimarães*. Guimarães. 75 (1/4), p. 195-204.
- SCHUBART, H. (1965 b) – Atalaia. Uma necrópole da Idade do Bronze no Baixo Alentejo. *Arquivo de Beja*. Beja. 22, p. 7-136.
- SCHUBART, H. (1975) – *Die Kultur der bronzezeit im südwesten der Iberischen Halbinsel*. Tafeln. Berlin: Walter de Gruyter & Co. (*Madrider Forschungen*, Band 9).
- SCHÜLE, W. (1969) – *Die Meseta – Kulturen der Iberischen Halbinsel*. Text. Berlin: Walter de Gruyter & Co. (*Madrider Forschungen*, Band 3).
- SPINDLER, K. (1973) – Découverte d'une boucle de ceinture d'origine ibérique sur la colline du "Magdalenenberg" près de Willingen en Forêt-Noire. *II Jornadas Arqueológicas* (Lisboa, 1972). *Actas*, 2, p. 229-243. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- SPINDLER, K. *et al.* (1973/1974) – Le monument à coupole de l'âge du Bronze Final de la Roça de Casal do Meio (Calhariz). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 57, p. 91-153.
- VEIGA, S. P. M. Estácio da (1891) – *Antiguidades Monumentaes do Algarve. Tempos prehistoricos*. 4. Lisboa: Imprensa Nacional.
- VIANA, A. (1959) – Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo. II – Monumento dolménico do Barranco da Nora Velha. *Arquivo de Beja*. Beja. 16, p. 24-28.
- VIANA, A. (1960) – Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo. V – Monumento da Nora Velha. *Arquivo de Beja*. Beja. 17, p. 181-188.
- VIANA, A.; FERREIRA, O. da Veiga & ANDRADE, R. Freire de (1957) – Monumentos megalíticos dos arredores de Ourique. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 38 (2), p. 409-419.
- VIANA, A.; FERREIRA, O. da Veiga & ANDRADE, R. Freire de (1961) – Descoberta de dois monumentos de falsa cúpula na região de Ourique. *Revista de Gvimarães*. Guimarães. 71 (1/2), p. 5-12.
- VILAÇA, R.; CRUZ, D. J. da & GONÇALVES, A. A. H. B. (1999) – A necrópole de Tanchoal dos Patudos (Alpiarça, Santarém). *Conimbriga*. Coimbra. 38, p. 5-29.
- ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. da Veiga (1958) – Estação pré-histórica da Penha Verde (Sintra). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 39, p. 37-57.



■ FIG. 1

Tholos do Cerro do Malhanito. Localização na Carta Militar de Portugal, Serviços Cartográficos do Exército, à escala 1: 25 000, Folha 581 CACHOPO (TAVIRA), Edição 2, Lisboa, 1978.



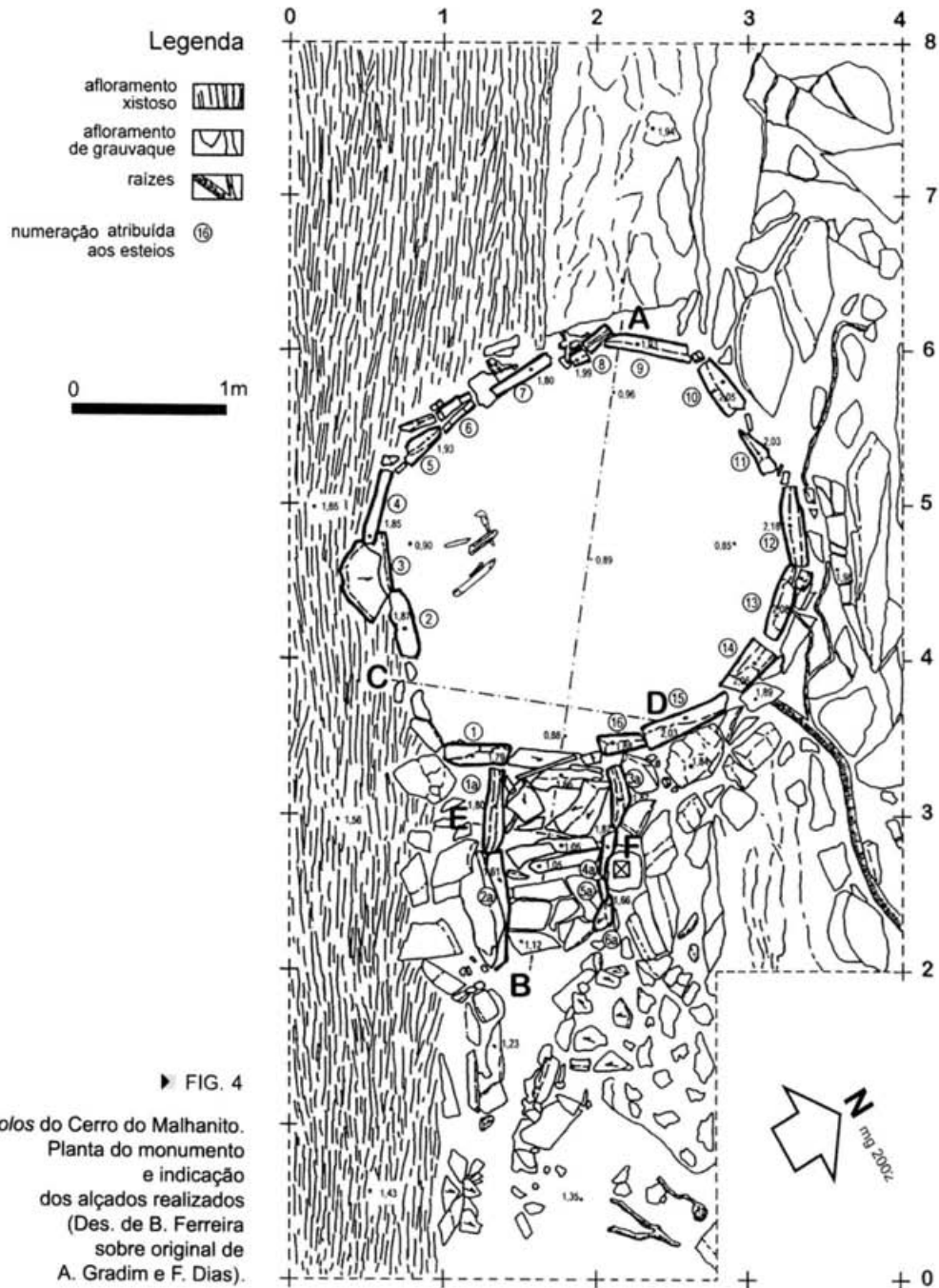
► FIG. 2

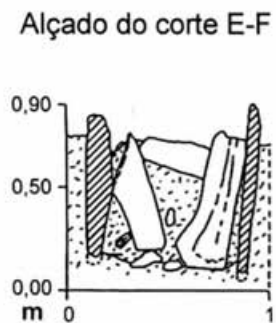
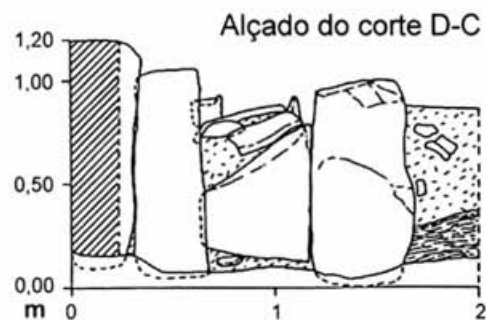
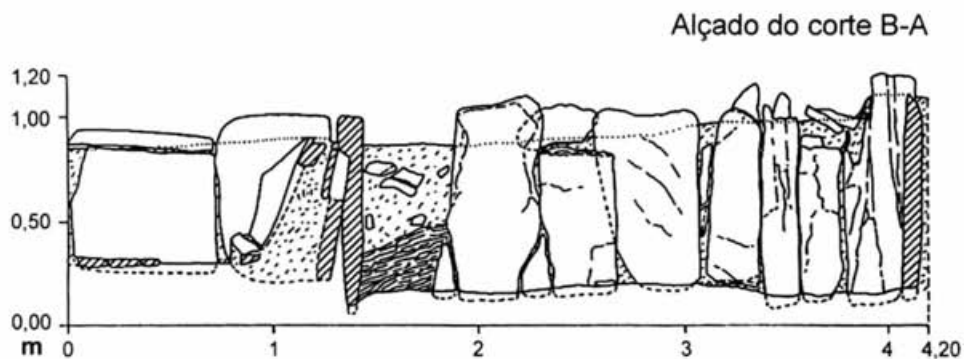
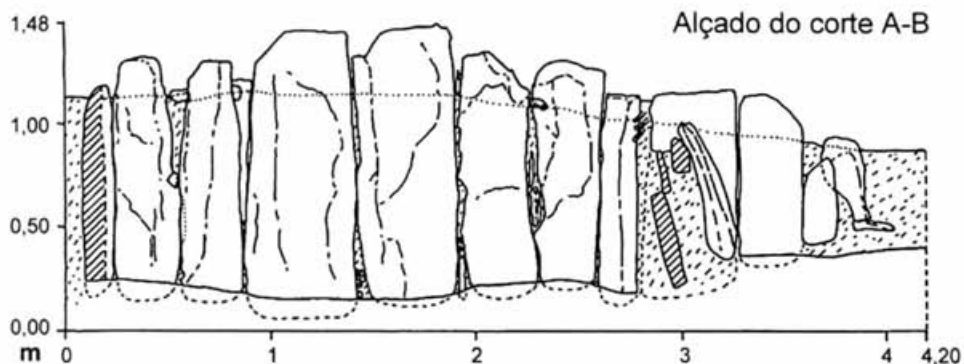
Tholos do Cerro do Malhanito. Em primeiro plano, observa-se o corredor, lajeado, separado da câmara (em segundo plano) por uma estrutura de selagem encontrada intacta (Foto: J. L. Cardoso).





► FIG. 3

Tholos do Cerro do Malhanito. Vista geral da câmara do monumento constituída por grandes ortóstatos de grauvaque, forrando a escavação executada no substrato xisto-grauvácico; em primeiro plano a estrutura de selagem que separa a câmara do corredor (ver FIG. 2) (Foto: J. L. Cardoso).





Legenda
 terra 
 afloramento xistoso 

► FIG. 5

Tholos do Cerro do Malhanito. Alçados (ver FIG. 4).
 (Desenhos de B. Ferreira, sobre original de A. Gradim e F. Dias).



► FIG. 6

Tholos do Cerro do Malhanito.

Nível da base do enchimento da câmara, observando-se diversos ossos longos correspondentes a uma inumação.

Na parte central, evidencia-se conta de grauvaque (ver FIG. 7, nº2) (Foto: J. L. Cardoso).

► FIG. 7

Tholos do Cerro do Malhanito.

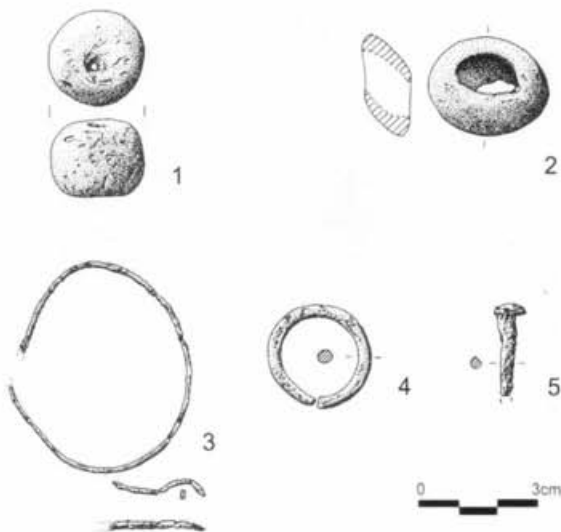
1- conta de cerâmica cor de tijolo, de pasta fina, homogénea e dura, com furo cilíndrico, feito na pasta fresca;

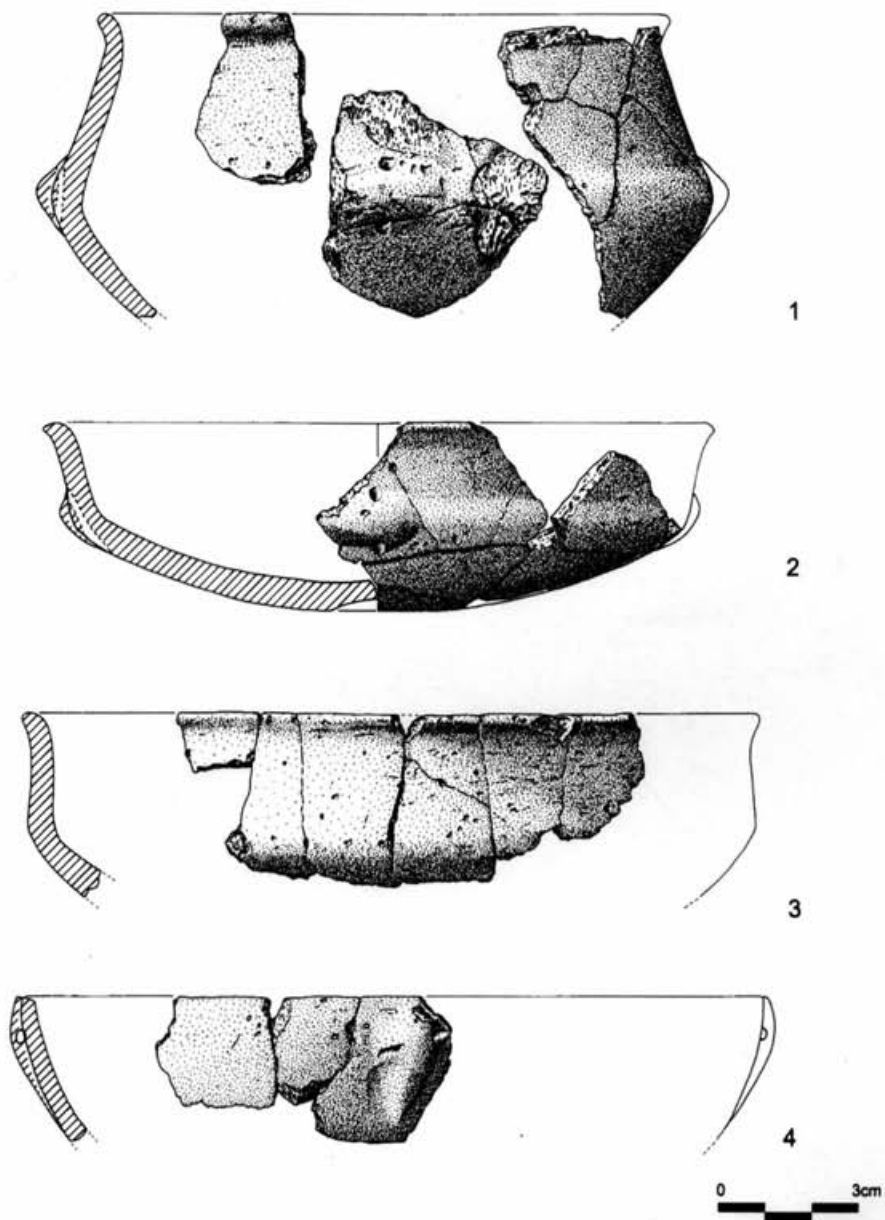
2- conta em seixo de grauvaque cinzento, com polimento nos topos e perfuração assimétrica natural;

3- aro de cobre ou bronze, acompanhado de porção dobrada, pertencente eventualmente a fibula anular hispânica;

4- anel de bronze;

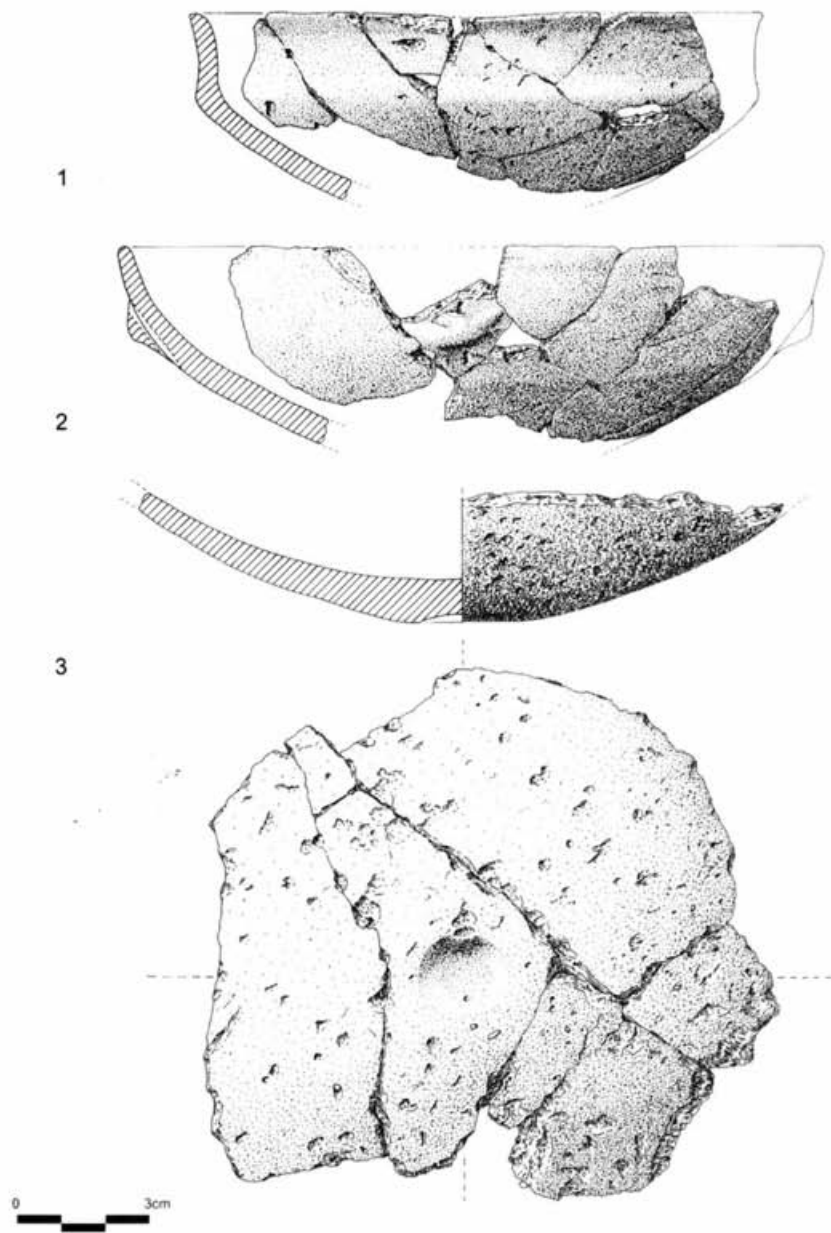
5- alfinete de bronze, com cabeça em calote de esfera, incompleto (Desenhos de B. Ferreira).





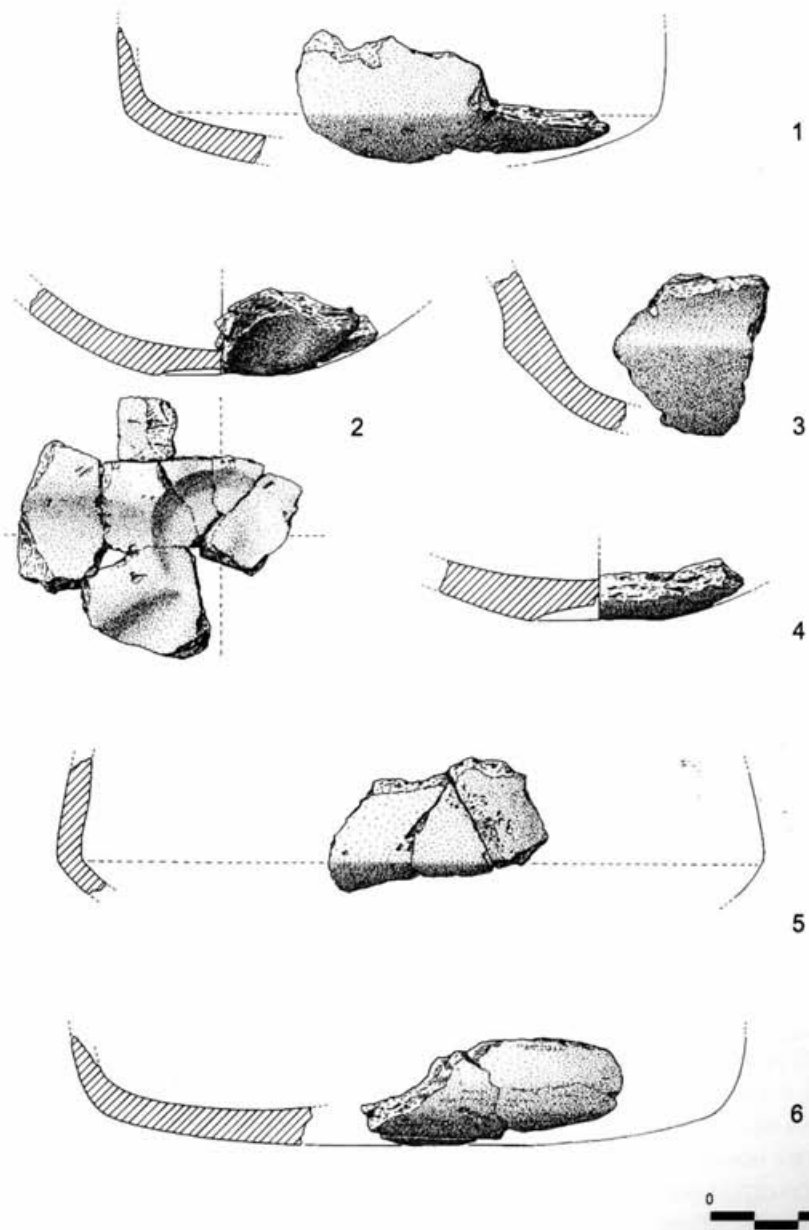
■ FIG. 8

Tholos do Cerro do Malhanito. Espólio cerâmico (Des. de B. Ferreira).



► FIG. 9

Tholos do Cerro do Malhanito. Espólio cerâmico (Des. de B. Ferreira).



► FIG. 10

Tholos do Cerro do Malhanito. Espólio cerâmico (Des. de B. Ferreira).